



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

OS SALÁRIOS E ORDENADOS DEVEM SER AUMENTADOS

Não é novidade para ninguém que o custo de vida tem aumentado nos últimos tempos sem que se tenha verificado um aumento geral de salários e ordenados na mesma proporção.

Os salários e ordenados são tão baixos que o consumo é reduzido a um mínimo aterrador. Tal situação preocupa um número cada vez maior de portugueses que verificam que todo o pelevreado dos homens do governo sobre a necessidade de se aumentar primeiro a produção para só depois se poderem aumentar os salários, não passa de mais uma tentativa para iludir o problema. É por isto mesmo que até hoje a industrialização quase não tem passado do papel. Produzir mais para quê, dizem alguns industriais e agricultores se ninguém pode comprar sequer aquilo que hoje se produz?

Naturalmente que também há os outros países com quem Portugal mantém relações comerciais, mas estas cada vez nos compram menos e nos querem vender mais. Em relação a países que nós podíamos comprar muito, como a URSS e a China, etc., em troca de muito que precisamos, o governo de Salazar teima em privar as indústrias e a agricultura nacionais desses enormes mercados.

O governo de Salazar fala muito em industrialização, mas de que base parte? Ele parte da base do reduzido mercado interno. Quer dizer, pretende-se industrializar quando o poder de compra das grandes massas populares não permita consumir. Ao contrário, o Partido Comunista propugna por uma verdadeira industrialização partindo da base de que é necessário ampliar o mercado interno. Como? Operando-se rapidamente uma mais justa distribuição da renda nacional aumentando os salários e ordenados dos operários da cidade e do campo, dos empregados e funcionários e os rendimentos dos camponeses e da burguesia não monopolista. Procedendo-se assim abre-se um caminho seguro para o desenvolvimento posterior das indústrias nacionais, da agricultura e do comércio.

«*Como havemos nós de garantir os investimentos de capitais em novas indústrias, se continuamos a coarctar as possibilidades de aumento do poder de compra, até mesmo naqueles sectores onde tal seria viável?*» (Do «*Jornal do Comércio*», citado pelo jornal colóquio, «*Juventude Operária*» no seu número de Março).

Alguns deputados, como o Dr. Bustorff Silva, tentaram desmentir as afirmações justas do engenheiro Daniel Barbosa sobre o baixíssimo poder de compra das massas trabalhadoras, dizendo que havia muitas mulheres gordas em Portugal, que cada vez ia mais gente ao futebol e que os operários cada vez gostavam mais dinheiro em «*excursões*». Claro que isto não são argumentos sérios, é antes uma autêntica afronta à pobreza e miséria dos trabalhadores.

«*Ora só quem se refugie pertinantemente a viver nas nuvens... pode vir tranquilamente afirmar de não no coracão que, no fim de contas, a situação económica da nossa massa trabalhadora não é tão má como isso.*» «*Não é, de facto, é pior.*» «*... Comparado com a seu colega holandês ou sueco, o nosso camponês é uma besta de carga que vive miseravelmente.*» Isto não foi escrito por comunistas, foi escrito no jornal colóquio «*Novidades*» de 14-4-1957.

A necessidade de um aumento geral de salários é bem um problema que interessa o país inteiro, é um problema que começou a preocupar, enfim, economistas, industriais, comerciantes, etc..

Hoje já não são apenas os comunistas a defenderem essa necessidade. Embora encarando o problema de maneiras diferentes, pessoas de todos os sectores da população e um número cada vez maior de jornais defendem a necessidade urgente de se

elevar o poder de compra das massas para que o consumo possa também aumentar.

Referindo-se aos ganhos do trabalhador rural, que avalia, em 5 contos anuais para manter duas pessoas de família, o operário «*Jornal do Comércio*» citando alrás diz: «*Verifica-se que em todos estes sectores profissionais o consumo deverá ser nulo ou quando muito ínfimo.*» E depois de constatar que os preços sobem incessantemente, diz que «*CADA PORTUGUES necessitaria para si de um mínimo de 1.000\$00 mensais para se manter, e que um aumento por escalões, seroaria forçosamente os interesses nacionais, sem provocar o papão do inflacionismo.*»

Alegre-nos verificar que novas vezes se juntam à nossa para proclamar a necessidade de se aumentarem sem demora os salários e ordenados de forma que se veja. Um substancial aumento de salários contribuiria para minorar as miseráveis condições de vida de 7 milhões de portugueses e portuguesas, e também daria o resultado imediato um maior consumo de todos os produtos necessários à vida, que agora não se vendem ou não se fabricam.

Ora, um maior consumo representará a necessidade de uma maior produção. Uma maior produção com mercado interno assegurado, significará o desenvolvimento económico do país. Não serão, pois, só os trabalhadores a beneficiar com um aumento geral de salários e ordenados.

Mas, não temos ilusões. Se é verdade que a necessidade urgente de um aumento geral de salários e ordenados é defendido por pessoas de todos os sectores da população e até compreendido por um número cada vez maior de países, também é verdade que altos poderes se opõem. A frente desses poderes encontra-se o próprio Salazar.

Nestas condições, o caminho que os operários, empregados e funcionários têm a percorrer para conseguirem aumentos de salários e ordenados é só um: é o caminho da luta na base da mais sólida e fraterna unidade nos locais de trabalho, nos Sindicatos, Casas do Povo e de Pescadores, etc.. Nesta luta, os trabalhadores devem procurar apoio entre todas as camadas da população, certos de que ali encontrarão muita gente que os poderá apoiar.

Qual o aumento que se deve reclamar desde já junto do governo e dos patrões através dos Sindicatos?

Pensamos que esse aumento imediato deve ser de 50 por cento, com trabalho permanente assegurado a todos os trabalhadores. Não sendo suficiente, este aumento representaria já uma melhoria nas condições de vida dos trabalhadores. Entretanto, o palavra deve ser dada aos próprios operários, empregados e funcionários, através de reuniões nos seus locais de trabalho e de assembleias nos seus Sindicatos.

CONTRA AS MANOBRAS DO GOVERNO PARA DIVIDIR

FAÇAMOS TUDO PELA UNIDADE

O governo de Salazar está interessado, hoje mais do que nunca, na divisão das forças democráticas e anti-salazaristas. E porque? Porque sabe muito bem que se TODOS os que aspiram à legalidade democrática se unirem numa vasta frente de combate os seus dias estarão contados.

Para impedir a unidade dos democratas o anti-salazaristas, o governo de Salazar recorre a tudo: repressão, particularmente sobre aqueles que defendem uma verdadeira política de unidade anti-salazarista, promessas veladas a certos sectores democráticos, lançando boatos de que serão concedidas facilidades de actuação àqueles que repudiarem toda e qualquer aliança com os comunistas, etc..

Os fascistas prometem para dividir, ou melhor, para impedir que se realize a unidade anti-salazarista desejada pelo nosso povo, pois nunca lhes passou pela cabeça fazerem qualquer concessão sem que a isso sejam obrigados. As concessões virão inevitavelmente, mas só pela luta — pela luta das massas populares na base da mais larga unidade.

Julgando, e cremos que sinceramente, que conseguirão facilidades para a actuação política por meio de negociações ou compromissos com o governo de Salazar, ou que este acederá a isso se mantiverem uma política de isolamento com outras correntes democráticas de esquerda, alguns dirigentes democratas exercem, aqui e ali, certas pressões junto de outros democratas no sentido de impedirem que vão para a acção com todos os que desejam uma mudança de política num sentido democrático.

Nós pensamos que tal forma de actuação não favorece a unidade e muito menos a

A NAÇÃO RECLAMA A AMNISTIA

A aspiração dum amnistia para todos os presos políticos e delictos de opinião abrange cada vez maior número de pessoas de todas as camadas sociais, ideológicas ou crenças religiosas. Recentemente, pela Páscoa, foi entregue a todos os deputados um novo apelo suscrito por cerca de 1.000 pessoas. Nessa petição, diz-se:

«O Apelo de Amnistia, que tão profundo eco tem encontrado na Nação, corresponde a um sincero desejo de Concórdia e Pacificação da Família Portuguesa. Algumas das mais prestigiosas individualidades da nossa vida religiosa, cultural e política subscreveram esse apelo, ao lado de milhares de pessoas das mais diversas condições.»

«A concessão de uma ampla e total Amnistia a todos os que se encontram presos por discordância das ideias governamentais — abrirá à nossa Pátria as portas dum verdadeiro unidade nacional, que estamos certos todos os portugueses desejamos.»

«A Pacificação da Família Portuguesa corresponde a uma autêntica necessidade nacional.»

Mais recentemente, num outro apelo suscrito pelos senhores António Sérgio, Mário de Azevedo Gomes, Barbosa de Magalhães, Alice Moia Megalhães, Fernando de Abreu Ferrão, Querobino Martins, Avelino Cunha, Roberto Nobre, Manuel João da Palma Carlos, Luís de Azevedo, Gustavo Soromenho, Vieira de Almeida, Maria Isabel de Aboim Inglês, Alexandre O'Neill, José Cardoso Fries, Alves Redol, Alexandre Cabral, Eduardo dos Santos Silva, António Ramos de Almei-

da, José Domingues dos Santos, Artur Vieira de Andrade, António Alçada Baptista, é dito:

«Há já alguns meses que foi entregue na Assembleia Nacional uma petição suscrita por mais de 8.000 portugueses, solicitando à Assembleia que se dignasse promover o patrocínio junto do governo, uma proposta de ampla amnistia para todos os delictos políticos ou de opinião, conforme foi referido pela imprensa diária e foi noticiado pela Emissora Nacional, em 1 de Fevereiro do ano corrente.»

Subscraviam essa petição pessoas de todas as tendências, de todas as categorias e das mais diversas profissões, sem exclusão de autoridades ecclésiásticas como os Senhores Bispos de Aveiro e da Coimbra.

Entendem os signatários que o apelo já feito deve ser reforçado, e que, aos milhares de assinaturas já entregues na Assembleia, devem suceder-se novos e novos milhares.

O único objectivo é o já expresso no texto inicial remetido à Assembleia: a certeza de que o periódico gesto que se suscitou constituirá uma mensagem de tolerância dos portugueses de hoje, e a todos a oportunidade de contribuir com o seu trabalho e a sua cultura, para o progressivo fortalecimento e relevância dos valores nacionais, eo serviço de Portugal e da Humanidade.

Por isso, os signatários solicitam o vosso apoio para a iniciativa do prosseguimento desta campanha a favor de uma ampla amnistia, aguardando que assim e dê a essinar, a lista inclusa — que poderá ser devolvida ou entregue, indiferentemente a qualquer dos signatários.»

Nós, comunistas, apoiamos inteiramente estes humanos apelos, pois eles correspondem aos anseios de todos os portugueses que aspiram a um clima de convivência nacional. Tornar conhecidos de todos os portugueses estes apelos e procurar que todos os subscritores seja a melhor garantia de que a amnistia se tornará uma realidade próxima. Este anseio que é de todos os portugueses bem formado, não poderá ser ignorado pelo governo de Salazar.

EM ALENQUER

300% DE AUMENTO DE IMPOSTOS

Mais de 400 comerciantes e industriais de ALENQUER concentraram-se junto da Câmara para protestar contra o aumento de 300% (1) nas contribuições de porta aborta dos estabelecimentos, aumento que num caso vai de 9.400\$00 a 37.800\$00.

Ali entregaram uma exposição onde se lia que «*se olvidaram os legítimos direitos dos contribuintes e, mais, as dificuldades e a crise com que lutam.*»

O Presidente da Câmara recebeu-os desabrido e grosseiramente, mas os comerciantes e industriais de Alenquer não desanimaram e pensam recorrer para o ministro das Finanças e para a Assembleia Nacional para se fim a esta situação, que, como é fácil de ver, terá como resultado uma nova carestia e criará maiores dificuldades à vida da população de Alenquer.

RECTIFICAÇÃO

No «*Avenies*» nº 231 dissemos que os operários da fábrica de Abalheiro, devido à recusa do patronato em aumentar os salários, tinham recorrido à greve e vencido. Embora os operários da Abalheiro tenham dado com a greve um magnífico exemplo de combalidade, não conseguiram obter as suas reivindicações, pelo que prosseguem a sua luta.

OS VIDREIROS

Contra a Exploração e a Crise

Os operários vidreiros têm tradições de luta de longa data. Presentemente a classe vive um período difícil, ameaçada constantemente com o desemprego (a fábrica Angoliana na Marinha Grande foi encerrada e a FAPE está ameaçada de encerramento), com castigos por tudo e por nada. Por exemplo, na fábrica do Manuel Pereira, na Marinha Grande, um operário foi castigado com 10 dias de suspensão só por ter lido a uma pessoa amiga e outros dois com três dias de suspensão só por estarem o rir-se. A outro operário aplicaram o castigo de descontarem três peças por cada peça com defeito. Ao fim do trabalho o operário estava em dívida com a fábrica...

Outro exemplo, na empresa Carlos Gato

as empalhadeiras têm sido vítimas da perseguição do gerente. E assim sucessivamente as multas, os roubos, os castigos, os descontos são o pão nosso de cada dia.

Mas isto não quebra o espírito de luta dos operários que na cidade fábrica de Manuel Pereira já conquistaram o aumento de 5\$00 por dia. Também na de Santos Barroso os operários foram em Comissão pedir aumento de salários. A Crisal de Alcobaca pediram aumento de 25\$00 por obragem. Duas obreagens já foram aumentadas.

Seria de desejar que estes exemplos se multiplicassem em todas as fábricas para que ali melhorassem as condições de trabalho e para que a miséria fosse menor nos lares dos operários vidreiros. Só a unidade de toda a classe e não apenas dos operários despedidos ou ameaçados de despedimento é que poderá permitir a defesa dos interesses dos vidreiros.

LUTAS DOS CAMPONESES

ALENTEJANOS NA MONDA

Mais uma vez as jornadas eram de fome: 8\$00 para os mulheres e 15\$00 para os homens. Com o tempo os agrários ameaçaram com os ranchos com fome. Os camponeses e camponesas sabiam que só pela luta errancaríamos melhores jornas. Por isso escolheram esse caminho. E foi assim que os camponeses de PIAS, VALE DE VARGO, ALDEIA NOVA DE S. BENITO, BALEIZÃO, BEJA, MOURA, SOBRAL DE ADRICA, MONTEMOR, etc. conquistaram melhores jornas.

As camponesas de PIAS na 4ª semana de monda tinham conquistado os 15\$00 e os homens os 20\$00. Em VALE DE VARGO, apesar do desemprego, em mandos de Março as mulheres já ganhavam 12\$00 e os homens 16\$00 e 17\$00; em BEJA a jornada das mulheres chegou a 16\$00 e a dos homens a 23\$00 e no SALVADO as mulheres tinham conquistado 20\$00 e os homens 25\$00.

Nas outras localidades onde os camponeses não conseguiram unir-se, como BÉN-CATEL a luta foi mais difícil e os aumentos menores (apenas 15\$00).

É interessante frisar que sempre que os agrários quiseram roubar os camponeses obrigando-os a trabalhar de sol a sol, onde isto não era costume, os camponeses RECUSARAM-SE TODOS E VENCERAM. Foi o que sucedeu em ALCOBREÇO e numa herdada do SUSEL, por exemplo.

Bela lição a dos camponeses alentejanos! Mais uma vez a sua combalidade e vontade de luta se afirmou. Se destas lutas eles colherem todas as experiências e lições, podemos afirmar que nas colheitas que se aproximam os camponeses alentejanos lutando unidos conquistarão melhores jornas.

NADAR... EM SECO

Muito que os praticantes de natação de Lisboa aspiram à construção de algumas piscinas. Pois numa reunião da C. M. L. o tenente-coronel Salvaterra disse redondamente que a Câmara não pensa na construção de piscinas nos bairros «*por dificuldades na aquisição de terrenos.*» (Os terrenos ficam guardados para especulações lucrativas, claro está).

E acrescentou esta coisa inacreditável: «*a Câmara está interessada na construção de alguns balneários cujas funções são semelhantes às das piscinas.*» Agora vão os nossos eleitos dispôr de balneários para nadar!

AS ELEIÇÕES NA UNIÃO INDIANA

Partido Comunista da Índia, acaba de obter uma vitória muito importante nas eleições efectuadas recentemente em toda a União Indiana. Desde as últimas eleições, efectuadas em 1952, duplicou o número de votos alcançados. Em 1952 teve 5.300.000 votos, ou seja 5%, dos sufrágios expressos; agora obtve 11.448.000, — cerca de 10%, do total — com 29 lugares no Parlamento Central.

A União Indiana que é um grande país de 380 milhões de habitantes, 193 milhões dos quais são «elzinhos», está dividida em vários estados federais que tem cada um o seu parlamento e governo próprio, além do parlamento e do governo central.

No importante ESTADO DE KERALA, com 20 milhões de habitantes o Partido Comunista obteve a maioria absoluta, tendo já formado um governo do qual fazem parte os mais destacados dirigentes populares, alguns dos quais contm vários anos de prisão pela sua luta em defesa dos interesses do povo indiano.

Além da vitória obtida no Estado do Kerala, o Partido Comunista conseguiu eleger representantes em todas as assembleias legislativas dos restantes estados.

Esta vitória do Partido Comunista Indiano que é uma vitória da classe operária e das massas populares indianas, deu origem a

enormes festejos e manifestações de regozijo em toda a Índia. Nas principais cidades foram organizados cortejos e comícios para festejar a vitória do Partido, nos quais participaram muitos milhares de pessoas.

A vitória em Kerala tem uma importância de carácter histórico e destina-se a ter a maior projecção tanto dentro como fora da União Indiana. Esta vitória dos comunistas, alcançando a maioria num país de economia capitalista e num regime político de democracia burguesa, em concorrência com partidos burgueses, desmente todos os cadáveres da propaganda reaccionária quando dizem que os comunistas nunca conseguiriam triunfar em eleições deste tipo. Dentro da União Indiana, e para todo o povo indiano, o Estado de Kerala será no futuro motivo de grande interesse pelo que respecta às formas como irá resolver os graves problemas deixados por séculos de dominação colonialista, entre os quais avulta o problema do desemprego massivo.

No plano internacional, a vitória em Kerala é a comprovação prática da importante fase táctica, formulada no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, quanto à possibilidade da passagem do Socialismo por vias pacíficas, através da conquista duma sólida maioria no parlamento e da transformação deste órgão de democracia burguesa em instrumento de libertação da vontade popular. Esta facto abre no futuro enormes perspectivas às massas populares e à classe operária numa série de outros países do Oriente e do Ocidente.

A vitória do Partido Comunista da União Indiana, conseguida após a derrota do golpe fascista na Hungria, que deu origem a uma onda de calúnias anti-comunistas em todo o mundo, demonstra que a classe operária e o povo não se deixam perturbar com tais calúnias e que as ideias luminosas do socialismo ganham cada vez mais a consciência da classe operária e das massas populares.

A despeito de todos os esforços de reacção internacional, o comunismo avança no mundo!

JESUITISMO DE SALAZAR

Salazar e a sua camarilha são pródigos em inventar fórmulas e fórmulas para perseguir e maltratar os seus adversários políticos.

Desta vez trata-se de levarem a julgamento 8 homens e uma mulher acusados, pasmado de fazerem parte de uma célula de organização «prisonal» QUE FUNCIONAVA NA CADEIA DE CAXIAS, ONDE ESTAVAM PRESOS. ESTÃO, POR ESSE FACTO, AGORA INCRIMINADOS POR PROPAGANDA SUBVERSIVA E POR TEREM DESENVOLVIDO ACTIVIDADES CONTRA A SEGURANÇA DO ESTADO.

Como se vê, nem estando preso se está livre de ser acusado indevidamente. Cromos que a ninguém passaria pela cabeça que fosse possível alientar contra a segurança do Estado e fazer propaganda subversiva estando-se preso preclaramente acusado, por esse mesmo «crime». Mas, pelo visto, Salazar, como bom discípulo que é de Maquiavel, encontra saída para todas as dificuldades. Que assim suceda não nos espanta muito, o que nos espanta muitíssimo é que haja juizes e outros homens, ditos de leis, que se prestem a ser participantes dos trágico-comédios que Salazar ensaia.

QUANTIAS RECEBIDAS DE AMIGOS DO PARTIDO

Abaixo o fascismo (A)	23.00	Pela liberdade de A. Cunhal	200.00
Alberto (B)	100.00	Pela Paz	30.00
Am. de Sousa (S)	50.00	Pela unidade dos povos Socialistas	100.00
Amigo do Ribelejo	40.00	Pelo triunfo do P. (E)	100.00
Bandeira Moscovicista	35.00	Persistência na luta	150.00
Cavaleiro da Esperança	20.00	Pombeiro	200.00
Direitos Humanos	80.00	P. A. Gomes	110.00
Ferreira	10.00	Pires Jorge	140.00
Marquês A. J. Magro J. A.	100.00	A. B.	20.00
Jovem Pioneiro	101.00	Pró-luta	200.00
Lista do Natal N.º 76	3.00	Proprietário amigo	10.00
« 176	5.60	Repatrios amantados da Paz	5.00
« 178	4.50	Idem	5.00
« 179	9.50	S. Amigos	50.00
« 180	6.00	J. V. (F)	50.00
Luise Michel	35.00	Sérgio Vilariques	325.00
M. Guedes	20.00	Idem A. B.	5.00
Marquês	100.00	Solidariedade	300.00
Millião A. A.	100.00	Três amigos	150.00
Mulheres livres	100.00	Trio Vermelho	50.00
Mulheres progressistas	60.00	Uma amiga do P.	5.00
Novo democracia (FP)	50.00	Um jovem progressista	2.50
Novo Era	20.00	Uma mãe comunista	550.00
Novo S. Viva a Paz	27.50	Um amigo do P.	10.00
O amanhã é nosso	190.00	Um apelo	40.00
O fascismo morrerá	11.50	Um grupo de democratas	40.00
Outro Amigo	20.00	União faz a força	57.00
País da Paz	120.00	Unidade	300.00
Pão, Paz e Cultura	60.00	Unidos na luta (S)	40.00
Partido Comunista à frente	6.00	Viva A. Cunhal	60.00
Pedros Salgados	9.50	T. V.	60.00
		TOTAL	4.656.00

Receifcamos as importâncias das seguintes rubricas, publicadas no «Avante» n.º 231: José Magro (JA) 100.00 e não 23.00 Jorge Amado 98.00 e não 5.00 José Neves (A) 5.00 e não 100.00 José Vitoriano (G) 23.00 e não 100.00 Por uma 3ª República 30.00 e não 90.00 Pró-Luta 90.00 e não 30.00 Viva A. Cunhal (TV) 100.00 e não 98.00

PORTUGAL NÃO ESCAPARÁ AOS PERIGOS ATÓMICOS

Depois de dezoito sábios alemães especializados em questões atómicas terem vindo a público com um solene aviso a toda a humanidade sobre o perigo que para esta civilização e continuação das experiências atómicas, o conhecido médico francês Dr. Schweitzer, prêmio Nobel da Paz de 1953, através da radiodifusão norueguesa, transmitiu um apelo em norueguesa, francês, alemão, inglês e russo que foi retransmitido por vários postos estrangeiros. Nesta apelo ele expôs os perigos que os elementos radioactivos libertados pelas explosões atómicas representam não só para o homem de hoje mas sobretudo para o de amanhã, devido às radiações internas.

O conhecido físico atómico francês Joliot-Curie, prêmio Nobel, declarou num apelo que o jornal «Le Monde» publicou e que o «Diário de Notícias» nos deu a conhecer: «Um vento de loucura sopra e força as nações a seguir na corrida aos armamentos atómicos. O elemento radioactivo estroncio 90 produzido pelas explosões de bombas atómicas e de hidrogénio cai lenta e continuamente na terra com o pó e a chuva e deposita-se na vegetação. Homens e animais domésticos comem essas plantas e o seu organismo absorvem assim o estroncio prejudicial pelas suas radiações. Se as experiências não foram interrompidas, a quantidade daquele elemento que afecta os homens e particularmente os jovens que crescem é suficiente para causar numerosos cânceros ósseos e leucémias. Muitas pessoas mostram-se indiferentes julgando que é garantido o facto de viverem longe das zonas das explosões. Enganam-se todavia. Um grande perigo pesa sobre cada um de nós e sobre os nossos descendentes se as experiências com armas nucleares não foram imediatamente interrompidas».

Como se vê nenhum de nós portugueses, está longe de sofrer com as explosões atómicas. E as recentes declarações do ministro Paulo Cunha de que a segurança da paz depende das armas atómicas confirma esse perigo para o nosso País. Ele recusou-se a comentar a possibilidade de Portugal aceitar ou não tais armas no caso de lhe serem fornecidas. E muito justamente «O Século» de 12 de Abril diz que «no compenetrar-

se dos perigos pendentes sobre os povos» não há quem consiga manter-se confiante e sereno. A morte como que anda no ar. Consciente destes perigos o autor do artigo diz com razão que «enquanto a energia proveniente da fissão do átomo não for utilizada para tornar a existência humana mais fácil e mais feliz melhor fora por-lhe termo».

E mesmo assim. E foi com muita satisfação que vimos o mesmo jornal voltar a 29 de Abril a abordar o mesmo assunto a erguer a sua vez contra esta política de morte, reclamando que a política da guerra se sobreponha a de paz.

Repulsa e indignação provocaram as palavras de Foster Dulles na sua declaração de 23 de Abril à imprensa ao declarar que «os Estados Unidos não tencionam modificar a sua política quanto às experiências atómicas, visto que as observações científicas não garantem que as radiações atómicas representam grande perigo para a saúde pública». Isto mesmo depois de o Papa Pio XII se ter pronunciado recentemente mais uma vez contra as armas atómicas.

Não fica claro quem provoca a corrida aos armamentos atómicos? Não fica igualmente clara a justiça da política da paz soviética ao reclamar insistentemente que se lhe ponha termo?

Quanto a nós cidadãos portugueses devemos apoiar todos os apelos e declarações de imprensa cívica ou outra, de rádio, televisão e de instituições contra as armas atómicas. Mas seria pouco se ficássemos por aqui. Enviemos-lhes a nossa opinião, pedindo-lhes que continuem a sua humanitária companhia e pressionamos o governo de Salazar para que nos Organizações internacionais de que o nosso País faz parte defenda a proibição imediata das explosões com armas atómicas.

LIBERDADE PARA RUI LUIS GOMES E SEUS COMPANHEIROS

No verão de 1956, já depois de iniciadas as férias judiciais o aultando por cima de todas as regras legais estabelecidas, foram presos para serem sujeitos a novo julgamento (o anterior foi anulado por ilegalidade) os democratas Frol. Rui Gomes, Eng.ª Virginia de Moura, Arq. Lobão Vital, Dr. José Morgado e o operário Alberlino Macedo.

Podia-se supor que tal preso em os prender de novo teria o objetivo de apressar o julgamento, mas decorrido quase um ano, tal julgamento não tem ainda data marcada. Os factos mais uma vez demonstram que os juizes do Tribunal Plenário (que ordenaram aquelas prisões) não são mais do que instrumentos de colaboração com a PIDE.

Protestar contra tais ilegalidades, e exigir a libertação imediata daqueles patriotas enquanto não se fizer o julgamento, é um dever de consciência de todos os democratas e pessoas honestas.

OS AGRICULTORES E COMERCIANTES

perdem a confiança na organização corporativa

Os dois casos que vamos referir são bem sintomáticos do falhanço da organização corporativa para resolver os problemas das classes médias.

Na região de CHAVES, 10 milhões de quilos de batata estavam a apodrecer enquanto milhões de portugueses não comem a batata de que precisam por não ganhar o suficiente para a comprar. Será isto uma charada? Não. É simplesmente a consequência da política de desprezo e abandono das classes médias pelo governo e sua organização corporativa. CEM MIL PESOAS DESTA REGIÃO «lavradores e trabalhadores estiolam na miséria não tendo dinheiro para nada nem quem o empreste», conforme informava o «Jornal de Notícias» do Porto de 23 de Março.

Mais de 100 lavradores de várias regiões de Trás-os-Montes, atingidos como a de Chaves, reuniram a 22 de Março em Chaves e enviaram um documento ao governo em nome dos lavradores de Vila Real, Bragança e Beiras onde se afirma que O QUE AÍ SE PASSA É ARREPIANTE, que o aviltamento dos preços é o maior de todos os tempos.

Um mês depois, a 25 de Abril, como tudo continuasse na mesma, 40 lavradores produtores de batata deslocaram-se a Lisboa, para virem discutir o problema.

Mas o consumidor continua a pagar a batata cara. Logo, quem ganha com esta negociação? Não são os lavradores a quem pagam preços miseráveis, que chegaram a \$50 o quilo mas sim os intermediários, a organização corporativa e os grandes armazéns. Por isso os lavradores propuseram e muito justamente que os deixassem former cooperativas já que verificaram que a organização corporativa não serve os seus interesses, nem os do consumidor, que não deixará certamente de apoiar esta solução.

Outra reivindicação dos lavradores de Chaves era a criação ali de uma fábrica de amidos e doutra equeraria para o tratamento da batataba e dada a nossa insuficiência de importação de açúcar colonial, pois ainda há pouco se importou açúcar de Cuba», como eles escrevem no seu documento.

Qual é resposta do governo aos justos pedidos dos lavradores? Que se integressem na política económica definida pelo governo e que podiam muito bem resolver os seus problemas dentro da organização corporativa existente, isto é, a Junta Nacional de Frutas cuja acção os lavradores conhecem bem. É claro que esta é a solução que convém aos fascistas e seus afilhados das Juntas, Grêmios e Federações que à custa do lavrador e do produtor enchem cada vez mais os aljômbres.

Quêixam-se igualmente os comerciantes de carnes do cidade do PORTO da incapacidade da Junta de Produtos Pecuários para abastecer a cidade com carne fresca em quantidade suficiente o que já causou aos ditos comerciantes, em determinado período, prejuizos de ordem dos 15.000 contos. Tais prejuizos continuam como eles afirmam assim como o encarceramento de carne provocado pela Junta. A exposição por eles enviada a diversas autoridades (governador civil, Jun-

ta dos Produtos Pecuários, Intendência Geral dos Abastecimentos e juiz do Tribunal da Polícia) reclama destes a sua atenção para a sua situação afilhita.

FAÇAMOS TUDO PELA UNIDADE

(continuação)

nisto, sem reparar no mais que o estafregado espontâneo do comunismo tem caído à causa da liberdade, sem reparar que quem põe o carrer tais baleias é o próprio governo por meio dos seus agentes. O jogo destes tem sido tão hábil que alguns democratas têm caído no laço do anti-comunismo.

Estas manobras do governo a poucos meses das eleições para deputados têm por objetivo fazer perder tempo aos anti-salazaristas e impedir a sua unidade e organização. E quem ganha com isso? Claro que ganha o governo e perdem os forças anti-salazaristas e o povo.

É baseado nas realidades e na experiência dolorosa de 30 anos de fascismo que o Partido Comunista se bate sem descanso pela unidade e apela para todos os partidos e agrupamentos democráticos no sentido de se fazerem esforços e sacrificios mútuos para se chegar à unidade contra a camarilha salazarista.

Aproximam-se os actos eleitorais e já se vêm das últimas particularmente entre aqueles que pensavam que isolando-se dos comunistas amensariam a fora fascista e obteriam concessões do governo.

A história dos últimos 30 anos ensina-nos que as concessões e as vitórias não se obtêm procurando cultivar as boas graças dos governantes fascistas, mas antes organizando forças, procurando todos os aliados possíveis para o bater pela luta — pela luta das massas unidas e organizadas. Ainda recentemente os estudantes se cansaram de pedir. Pediram para serem ouvidos; mas o governo, como é seu hábito, não quis ouvir, publicando o decreto 40.900 que reduzia a zero as suas associações. Despedidos, os estudantes passaram à luta, os manifestos de luta e levaram a sua luta até à própria Assembleia Nacional. E o que sucedeu? Sucedeu que o governo recuou depois de ter tentado enganar e dividir os estudantes com promessas. E assim, pela luta das massas que o governo é obrigado a recuar e a fazer concessões. Quando se fala em voz baixa, sem o povo ouvir e mantendo esse mesmo povo na ignorância do que se passa, quer dizer, claudando isoladamente e em segredo o governo não ouve nem nunca ouvirá. Mas como todos sabem, foi só depois das grandes greves da classe operária em 1942-1943, 1944 e 1945 e da realização da unidade dos democratas

através do M.U.N.A.F. e do M.U.D. que os democratas arrencaram concessões ao governo.

A unidade de todas as forças democráticas e anti-salazaristas é a condição para se reconquistar a legalidade democrática.

A sua realização não depende apenas de nós, comunistas, ela depende da boa vontade e esforços de todas aquelas forças. O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS ESTÁ PRONTO A ENTRAR IMEDIATAMENTE EM NEGOCIAÇÕES COM TODOS OS PARTIDOS DEMOCRÁTICOS E ANTI-SALAZARISTAS, DESDE OS REPUBLICANOS AOS MONARQUICOS, COM VISTA À REALIZAÇÃO DA UNIDADE DE TODOS NA BASE DE UM PROGRAMA DE ACÇÃO COMUM.

A movimentação da classe operária e das restantes massas trabalhadoras pelas suas reivindicações económicas e políticas são o factor fundamental para a realização prática da unidade. A movimentação de milhares, de dezenas de milhares, de centenas de milhares decidirá mesmo os mais hesitantes e até aqueles que, sendo sinceros anti-salazaristas e democratas, não confiam na capacidade realizadora e decisiva das massas trabalhadoras com a classe operária à frente. Se as massas trabalhadoras e todas as camadas laboriosas se movimentarem por dezenas e centenas de milhares pelas suas reivindicações e direitos políticos e sociais a unidade será um facto, as resistências e incompreensões acerca da importância da unidade por parte de alguns dirigentes e individualizados democráticos e anti-salazaristas serão vencidas e a unidade alargará-se à.

Mas, se os dirigentes políticos democráticos e anti-salazaristas, desde os comunistas aos monarchicos, vencessem desde já o que os separa e realizarem um acordo de unidade e isso facilitaria enormemente aquela movimentação e dariam uma resposta positiva aos anseios do nosso povo. Um tal acordo anunciado ao nosso povo provocaria um grande entusiasmo e confiança em todo o país, e abriria assim maiores perspectivas para maiores movimentações de massas com vista às próximas eleições e pela conquista das liberdades democráticas.

Continuem, pois, a ter a palavra os outros partidos, grupos e individualidades políticas democráticas e anti-salazaristas; pois as eleições estão à porta e ainda nenhum desses partidos se pronunciou pela sua participação ou não nas mesmas.